

Transcrição

Vídeo: Ato Manifesto LEITO PARA TODOS

[\(\(2086\) Ato Manifesto LEITO PARA TODOS - TV REDE UNIDA - YouTube\)](#)

[0:00:08]

[Tiago Feitosa]

Olá, vocês me ouvem? Boa tarde!

[00:00:17]

[Leonardo Matos]

Tiago se puder manter o microfone e a câmera desligada.. aí quando a gente for chamar você, aí você abre os dois, pode ser?

[0:00:32]

[Túlio Franco]

Nós estamos transmitindo aqui pela TV Rede Unida, o Ato LEITO PARA TODOS, já podemos começar, portanto, Sophia Rosa, você para fazer a coordenação.

[0:00:56]

[Sophia Rosa]

Bom, muito obrigada, boa tarde a todo mundo, todos e todas que estão aqui nessa tarde ou que estarão em algum outro momento assistindo aí esse importante momento que é o lançamento do Manifesto Leito para Todos. Meu nome é Sophia Rosa Benedito, faço parte do grupo inicial que construiu a campanha Leitos para Todos aqui no Rio de Janeiro e vou estar conduzindo esse nosso momento aqui de ato de lançamento, junto com o companheiro Túlio Franco, presidente da Rede Unida. Estaremos aí construindo a participação e o lançamento desse processo aqui tão importante que visa o acesso universal à saúde. Para começar, é importante que a gente possa compreender um pouco como vai ser a dinâmica desse ato, a ideia é que a gente vai ter aqui diversas entidades, pessoas, figuras públicas que estão construindo a luta cotidiana em seus locais a respeito da pauta Leitos para Todos.

Essa campanha vem convergindo da campanha Leitos para Todos, a campanha Vidas Iguais e a Rede Solidária em defesa da vida de Pernambuco. Então, vamos lá ao nossos primeiros momentos, com a chegada da pandemia da COVID 19 e a preocupação sobre esse iminente colapso do Sistema Único de Saúde, as campanhas vidas iguais e leitos para todos surgem nesses três Estados com o mesmo objetivo que é, mobilizar a sociedade e pressionar as instâncias do poder público para que a gente possa garantir o acesso universal e igualitário aos pacientes com casos graves da doença e que necessitem dessa internação. Por isso, temos pautado a partir da campanha Leitos para Todos, essa que estamos lançando aqui agora, a requisição administrativa em caráter emergencial dos leitos privados e filantrópicos para garantirmos que tenha uma regulação única, uma fila única para garantir o acesso e o cuidado para quem precisa, sem essa discriminação sobre a possibilidade de pagar ou não.

E é nesse sentido que a gente está construindo uma participação ampliada e nacional onde se aderem a essa frente 97 entidades de movimentos sociais e mais de 3 mil pessoas entre pesquisadores da saúde coletiva, artistas, personalidades profissionais e usuários de saúde. A gente sabe que é importante afirmar o SUS enquanto um sistema universal como fruto da luta pela democracia e também fruto da luta pela saúde enquanto um direito de todos e dever do Estado. Com tudo, a gente sabe também que a pandemia da COVID, ela vem revelando o aprofundamento dessas desigualdades colocadas por um sistema subfinanciado desde o seu surgimento que em maior e menor pressão sofre com ações de ataque e desmonte. O sistema que já estava pressionado, pela falta de estrutura, chega a cada vez mais a esse sistema de colapso, ontem por exemplo no Brasil, tivemos aí mais de 12 mil e quatrocentos vidas perdidas por conta da COVID, muitas delas inclusive sem ter tido um cuidado fundamental e um tempo necessário para evitar com que o óbito fosse um desfecho.

Por isso, só no Rio de Janeiro, se a gente for parar para olhar, mais de mil pessoas estão aguardando em filas para acessar a uma UTI, então isso revela a grande profundidade do problema e a iminência do colapso no sistema de saúde, o que a gente precisa saber é quantos leitos estão disponíveis na rede hospitalar para que esse acesso seja feito de fato da melhor forma possível. E por falar em desigualdade, nas duas últimas semanas, quintuplicou o número de mortes e de internações de pessoas negras por conta da COVID, população essa que representa mais de oitenta por cento das pessoas que utilizam exclusivamente o sistema único de saúde. Nesse sentido, afirmamos aqui que requisitar os leitos da iniciativa privada para a gestão centralizada do Sistema Único de Saúde é agir pela universalidade do sistema, esse conceito tão batalhado por nós desde o surgimento do SUS e também como forma de reparar e impedir que esse acesso ao cuidado hospitalar seja feito de forma condicionada pela cor de pele e pela possibilidade ou não de pagar por isso.

Por isso, no Brasil já identificamos que desde da implementação da lei que dita sobre o enfrentamento a COVID no país, temos diversas condições, diversos instrumentos e mecanismos jurídicos para garantir que a requisição administrativa dos leitos seja feita pelo poder público, só que precisamos como todas as lutas travadas no nosso Sistema Único de Saúde do nosso país, pressionar, construir força e corpo social para fazer com que a essa ação de fato se efetive na realidade do enfrentamento a COVID do país. Nesse sentido de reivindicar que todas as vidas importam, convido o Tiago Feitosa, da Rede Solidária em defesa da vida de Pernambuco, para trazer a sua saudação para a gente nesse ato de lançamento. Boa tarde Tiago!

[00:06:52]

[Tiago Feitosa]

Boa tarde a todos, é com muito prazer que eu estou aqui hoje, nesse momento de lançamento da campanha nacional e eu queria cumprimentar a Sophia do Leito para Todos, o Pedro do Vidas Iguais, o Fernando Pigatto do Conselho Nacional de Saúde, falo

aqui em nome da Rede Solidária em Defesa da Vida, um movimento que se inicia em Pernambuco com a chegada da pandemia no Brasil, e que busca procurar ações de enfrentamento à pandemia no nosso Estado, na nossa cidade, a partir de eixos que vão no sentido do fortalecimento da vigilância, da assistência aos pacientes com a COVID, apoio, suporte e reflexão sobre o trabalho na saúde nesse momento e a proteção dos trabalhadores, e também o apoio e suporte em relação às populações vulnerabilizadas.

É com muito prazer que a gente se incorpora a esse movimento, junto com as duas campanhas do Rio e de São Paulo, queria cumprimentar também todas as entidades que participam conosco dessa jornada, desse processo, que já vem logrando êxitos em vários Estados e trazendo essa discussão por ser da sociedade, através da sociedade organizada. Nós precisamos tocar junto a toda a população brasileira no assunto, que é o fato de a maioria da população ter o acesso limitado em relação a uma minoria de pessoas que têm acesso via planos de saúde.

Nosso objetivo não é tirar acesso de ninguém a leitos de UTI, ao contrário, é possibilitar acesso a todos, uma vez que para nós as vidas são iguais. Aí a gente vem a partir do preceito Constitucional de que o direito à vida está acima de qualquer outro direito e deve ser garantido pelo Estado, então nossa proposta é que seja gerado a lista única de acesso a partir dos Estados e que a gente utilize inclusive experiências bem-sucedidas já do Sistema Único de Saúde, como por exemplo, a regulação de transplantes que se dá através de uma lista única. Que as pessoas tenham direito também do inverso, de ter acesso aos leitos, independentemente de serviços privados ou públicos, uma vez que neste momento, para nós, e com a pandemia, com a COVID, mais do que nunca a gente tem que considerar que as vidas são iguais e que todos têm que ter o mesmo direito.

Então eu sigo no ato com vocês e dizendo que a gente cada vez mais está empolgado com essa bandeira e com essa luta, em função também do agravamento da situação da pandemia no nosso país e particularmente em nosso Estado aqui em Pernambuco. Então mais do que nunca essa luta é importante e a gente não pode admitir pessoas morrendo na fila por leitos de UTI, enquanto a gente tem capacidade instalada, desativada nesse momento e hospitais privados em função da desativação dos procedimentos eletivos. Então que todos os os meios sejam... a gente lance mão de todos os meios para garantir a vida, o suporte à vida e que as pessoas sejam tratadas como tendo vidas iguais e esse é o nosso grande mote desta campanha, então Leito para Todos e Vidas Iguais, vamos continuando nessa luta. Muito obrigado! E que a gente cada vez mais dê sequência e que consiga nosso objetivo com essa campanha, um abraço!

[00:10:59]

[Sophia Rosa]

Obrigada, Tiago! Vamos juntos! E para dar continuidade nesse primeiro bloco, vamos convidar agora o companheiro Pedro Serrano da campanha Vidas Iguais de São Paulo para também poder compartilhar com a gente e fazer essa saudação. Bem-vindo, Pedro!

[00:11:18]

[Pedro Serrano]

Muito obrigado, saúdo a todos, todas as entidades, todos os amigos, todas as amigas que estão aqui lutando por um momento mais digno no nosso país. O que nós temos que ter, acho que consciência nesse momento, eu não vou ficar aqui falando de dados técnicos, eu sou só um advogado, mas tem que ter consciência que o que está em jogo é a nação, é o conceito de nação. Uma nação não é só um bando de pessoas que vivem no território, ela é construída por uma lógica de identidades que é um solo comum de afetos e valores.

Se nesse momento de crise nós dividirmos a nação brasileira entre vidas que são diferenciadas, tratar o direito à vida de forma diferenciada, quem tem dinheiro ou convênio e quem não tem, vão estar destruindo qualquer esperança do país de ser uma nação. Vamos sair destruídos dessa crise, porque o valor mais eminente, mais primário que é a convivência social, que é a preservação da vida, fica, vamos dizer, não compartilhada, não é tratada de forma igual. A nossa tradição colonialista vai mais uma vez afirmar em detrimento da construção da nação, portanto é uma luta extremamente relevante e que vai deixar sequelas e consequências se a gente não for vitorioso.

Uma nação é algo assim, num momento de crise, de emergência como essa, nós enfrentamos juntos tudo que tiver por vir, o que tem de bom e o que tem de ruim, se nós perdemos essa luta, a nação brasileira vai sair destruída, as mortes que houveram não vão significar mais do que dor e sofrimento, elas podem significar mais, elas podem significar um importante passo que a gente tem a dar no sentido de construir uma verdadeira nação, coisa que nunca tivemos na nossa história. Muito obrigado a todos, eu agradeço muito o empenho de todos, é um empenho generoso que eu só posso valorizar e me congratular com vocês.

[00:13:21]

[Sophia Rosa]

Muito Obrigada, Pedro! E para dar continuidade, vamos aí chamar o representante de uma importante entidade e que vem aí historicamente lutando pelo direito à saúde no país, então convido Fernando Pigatto para fazer uma saudação, enquanto Presidente do Conselho Nacional de Saúde.

[00:13:45]

[Fernando Pigatto]

Boa tarde a todos e a todas, Sophia, Túlio e demais parceiros e parceiras, companheiros dessa luta por uma saúde pública universal e de qualidade, sobre o controle também do Estado, porque é nesse momento que a gente vê a necessidade da gente reafirmar essas que não são simples bandeiras, mas são princípios do que nós colocamos na Constituição Federal de 1988, após a 8ª Conferência Nacional de Saúde, onde dizíamos que democracia é saúde, e portanto a saúde é direito, desde que nós estabelecemos e a partir dali o nosso Sistema Único de Saúde. Onde fala de saúde complementar, da saúde suplementar, onde tem o papel sim da iniciativa privada, mas que inclusive a própria Constituição e as leis do

nosso país garantem que momentos como pandemia, de epidemia de emergência, de saúde pública, é a utilização de tudo que nós expomos para que as pessoas possam viver.

Portanto, o Conselho Nacional de Saúde, para além de estar participando ativamente da campanha Leitos para Todos, assinaram o manifesto por acreditarmos no acesso universal e igualitário ao tratamento através da fila única e que o poder público gerencie toda a rede hospitalar pública e privada, e também defendemos a expansão da oferta de leitos através do SUS. Nós aprovamos a partir de uma recomendação sugerida pela nossa comissão intersectorial de saúde suplementar, a recomendação 026, onde nós estabelecemos a fila única como algo que o Governo Federal, que nós sabemos que é muito difícil que vá fazer, mas por isso também recomendamos aos governos dos Estados e dos Municípios para que estabeleça uma fila única como uma forma de que a gente garanta que nenhuma vida tem preço e que todas as vidas importam! Viva o SUS! Viva o povo brasileiro! Viva a democracia.

[00:16:14]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Pigatto! Trouxe uma questão que é fundamental. O que a gente precisa é de todos os recursos centralizados e regulados a partir do SUS. Apesar de todos os ataques e colocações que estão sendo feitas ao nosso sistema, ele é o que tem a melhor condição de enfrentar esse momento que a gente está vivendo. Muito obrigada!

E vamos saudar aqui também, dentro do nosso processo da campanha de lançamento, nosso ato de lançamento do manifesto, a participação e o referendo de várias figuras públicas importantes aí no nosso país, e que têm feito ecoar também a pauta leitos para todos.

Então, vamos destacar aqui também a participação e assinatura em nosso manifesto do cantor Chico Buarque de Holanda, do cantor Chico César, de Alceu Valença, do neurocientista Miguel Nicolelis, do teólogo importante no país, Leonardo Boff, Jaime Escalavarró, ex-presidente da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Alexandre Padilha, ex-ministro da saúde e atual deputado federal, José Saraiva Felipe, também Ex-Ministro da Saúde, Paulo Bus, professor emérito da Fundação Oswaldo Cruz, Hermano Castro, que é diretor da Escola Nacional de Saúde Pública da Fiocruz, Lígia Bahia, professora do IESC da UFRJ, Leôncio Feitosa, diretor do Complexo Hospitalar da UFRJ, Luiz Antônio Santite, ex-diretor do INTO, Laura Carvalho, que também é economista da USP, Luiz Gonzaga Belluzzo, economista da Unicamp, Lena Lavinás, economista da UFRJ e da Universidade de Princeton, Ana Amélia Camargo, presidente da Comissão de Direitos Humanos da OAB de São Paulo, Edvaldo Medeiros, que é juiz federal da comarca de Itapeva em São Paulo, Fábio Gaspar, que é presidente do Sindicato de Advogados de São Paulo, Kenarik Boujikian, que é desembargadora aposentada do TJ de São Paulo, desculpa a pronúncia, Luciana Moretti, que é professora de Direito da UFRJ, Margareth Pedroso, procuradora do Estado de São Paulo, Ana Cândida, que é procuradora do Estado de São Paulo, Marcelo Cattoni, que é professor titular de Direito Constitucional da Faculdade de

Direito da UFMG, Juliana Neuenschwander, que é professora titular do Direito da UFRJ e Gonzalo Vecina, que é professor de Saúde Pública da USP e ex-diretor do Cirio Guimarães.

São muitas pessoas, muitos apoios de peso para a pauta e garantia de vidas iguais e leitos.

Dando continuidade às saudações, entidades e personalidades importantes dentro desse processo, vou convidar aqui José Gomes Temporão, que é ex-ministro da Saúde, para fazer a sua saudação ao movimento.

[00:19:47]

[José Gomes Temporão]

Muito boa tarde a todos. É um prazer estar aqui. Quero parabenizar esse movimento no momento em que nosso país assiste perplexo e chocado a várias posições do governo federal de desprezo pela vida.

Eu queria trazer aqui o estudo realizado pelos professores Paulo Silva e Claudia Sagastizábal da Unicamp. Eles estimaram que se mantivermos o mesmo padrão de isolamento social desta semana e nas próximas duas semanas, em média, vamos poupar uma vida a cada 1,2 minutos no Brasil.

Além de tudo que se possa fazer em termos de prevenção, quando a doença chega com gravidade, temos um imperativo moral e ético de garantir atenção médica a todos de modo equânime. Este movimento toca em um ponto muito sensível que é a desigualdade no acesso entre os usuários do SUS e as famílias que possuem planos e seguros de saúde.

A proposta da estruturação de um sistema de regulação unificada da totalidade de leitos em determinada região, ordenado pela autoridade sanitária, é fundamental para que possamos respeitar o que está na Constituição Brasileira.

Por fim, gostaria de sugerir que seria muito importante que esse movimento, além da luta política cotidiana de denúncias, mobilização e tentativa de influência, considere o grande risco de judicialização dessa questão, que pode ser muito negativo. Seria fundamental que pudéssemos estruturar um observatório, não no sentido tradicional, mas um observatório em tempo real que possa acompanhar a efetividade desse nosso esforço, dessa nossa mobilização, desse nosso movimento. Ou seja, quais são os arranjos que estão acontecendo em cada Estado? Que iniciativas estão sendo tomadas? Onde está havendo mais ou menos avanço? Que movimentos da sociedade estão contribuindo para que a nossa luta caminhe no sentido de direito, equidade e garantia da vida ou não.

Essa é a minha mensagem aqui nesse momento. Um grande abraço a todos.

[00:22:29]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Temporão, agora eu quero convidar a companheira Gulnar Azevedo, representando a Associação Brasileira de Saúde Coletiva a fazer a sua saudação aqui ao nosso lançamento.

[00:22:46]

[Gulnar Azevedo]

Boa tarde a todas e todos, boa tarde Sophia, boa tarde a todos os colegas aqui presentes. Eu queria dizer em nome da ABRASCO que é muito importante essa iniciativa, essa iniciativa dos três movimentos, partindo de São Paulo, Rio e Pernambuco para unificar essa demanda, esse grande manifesto em relação a leitos para todos.

A gente vive uma situação gravíssima, todos já falaram aqui, a gente acompanha dia a dia isso aí com muita preocupação, uma situação gravíssima que o vírus tá trazendo no mundo inteiro, no Brasil, mas que a possibilidade de resposta e sobreviver a esse vírus infelizmente está na dependência de ter acesso ou não a um tratamento melhor. Então, o que a gente quer colocar é que não só é importantíssimo que as pessoas tenham acesso ao leito, tenham acesso às necessidades que elas precisam, mas que, sobretudo, o momento hoje, como já foi falado anteriormente, a gravidade dessa epidemia, o número de óbitos aumentando, o número de óbitos oficiais, né.

Imagino o que seria a gente pensar casos que não foram notificados, porque não conseguiram fechar o diagnóstico. Imaginando isso, imaginando que é uma epidemia que já tá em todos os Estados do Brasil e que ela tá ainda nesse momento de muito crescimento, a ferramenta, a possibilidade que temos hoje de diminuir e de evitar o colapso que a gente já tá vendo em vários lugares do sistema de saúde, é que as pessoas fiquem em casa. Mas é importante entender o outro lado, para ficar em casa precisamos de proteção social, precisamos da ajuda do Estado, precisamos de muita solidariedade da sociedade, mas de muita ajuda.

Então a gente tá com vocês, a gente acha importante o crescimento desse movimento, todas as entidades aqui presentes eu tenho certeza que estão batalhando e trabalhando por isso. Mas a nossa união e a nossa força no sentido de pressionar o Estado para que ele garanta isso a todos e também mostrar que para ter saúde precisamos da democracia, então saúde para todos e democracia para o nosso país. É isso é a nossa mensagem e vamos em frente! Mais uma vez parabéns a todos que estão dentro dessa iniciativa e dessa organização, muito obrigada!

[00:25:08]

[Sophia Rosa]

Muito Obrigada, Gulnar, a participação da ABRASCO tem sido fundamental, agora vamos convidar o Armando de Negri da Rede Brasileira de Cooperação em Emergências para fazer a saudação ao nosso lançamento aqui. Boa tarde, Armando!

[00:25:26]

[Armando de Negri]

Boa tarde, Sophia! Obrigado aos companheiros e companheiras que fazem o possível nesse momento. A Rede Brasileira de Cooperação em Emergências é uma associação criada em 1995, que lutou pela implantação no país de uma política de atenção às urgências no marco do SUS, defendendo os direitos humanos em todo o processo da assistência e projetando-se também nas projeções para a proteção da população. Por isso, para nós, é com enorme prazer que participamos dessa campanha.

Temos difundido nos espaços onde atuamos o princípio ético e fundamental que propõe elevar medicamente a defesa da vida em todas as dimensões do território brasileiro, neste momento tão frágil diante da ameaça da pandemia. Ao mesmo tempo, fazemos com que este movimento se inscreva com muita força na trajetória da nossa Rede. A Rede de Cooperação em Emergências vem lutando pela suficiência qualificada do serviço de urgência e atenção hospitalar no âmbito do SUS e denunciando a insuficiência estrutural do sistema público brasileiro há vários anos.

Nessa perspectiva, temos lutado para alcançar o número adequado de leitos, apontando inclusive como referência cerca de 4 leitos para cada mil habitantes no Brasil, entre os diversos tipos de leitos necessários. Portanto, essa luta hoje se torna mais visível a necessidade de compartilharmos solidariamente os recursos socialmente construídos no país ao longo de toda a trajetória. Ao mesmo tempo, nos permite denunciar essa desassistência programada todo tempo.

Esperamos que esse movimento de mobilização ampla sobre a fila única desse direito humano à materialidade da assistência, quando se necessita, se traduza em seguida no esforço sustentado. O destaque que hoje ganha o acesso aos hospitais e às UTI deve seguir através da consolidação de um sistema verdadeiramente único, universal, integral e igualitário.

É muito difícil o marco constitucional do direito à saúde explicar por que os recursos do SUS estão disponíveis a todos os 212 milhões de habitantes, enquanto os recursos da saúde suplementar são limitados apenas aos beneficiários, aos privilegiados que são em torno de 48 milhões. Lembrando que muitos desses privilegiados não é no sentido pejorativo; são trabalhadores, servidores públicos, são trabalhadores de setores estratégicos da economia, que têm uma forma de resposta, um conjunto de lutas históricas que fizeram. Mas este é o momento de juntar todos esses recursos e criar a base verdadeiramente universal e democrática que precisamos para avançar nesse sentido. A pandemia nos obriga a dar um passo adiante, uma materialidade de uma real democracia com justiça social para o país.

É importante o ímpar preço por esse movimento. Somos parte ativa dele e esperamos poder também oferecer, através do nosso observatório nacional dos direitos humanos nas urgências hospitalares, o suporte para a proposta que o nosso ex-ministro Temporão

acabou de fazer. Estamos muito abertos para poder acolher esse esforço de monitorar os avanços dessa luta. Deixo aqui um forte abraço a todos e a todas. Muito obrigado!

[00:29:12]

[Sophia Rosa]

Obrigada, Armando! Agora seguindo a sequência de saudações, convido aqui Paulo Carbonari, do Movimento Nacional de Direitos Humanos, a fazer essa saudação do nosso lançamento.

[00:29:30]

[Paulo Carbonari]

Boa tarde a todas e todos, uma alegria muito grande poder estar aqui com vocês. Falo de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, uma cidade bastante afetada infelizmente, e falo também por um movimento que está presente em todos os cantos do país. Para nós, é uma alegria muito grande sermos convocados pelas organizações de direitos humanos e organizações de saúde para participar desse grande mutirão que é a construção dessa campanha.

Infelizmente, temos que fazer essas campanhas. Se a Constituição brasileira fosse respeitada, se o pacto internacional dos direitos econômicos e sociais culturais fosse respeitado, não precisaríamos fazer esse tipo de campanha. Precisamos fazer porque ainda vivemos num país e num mundo profundamente desigual, diante de uma pandemia que efetivamente atinge aqueles e aquelas a quem historicamente os direitos nunca chegaram. Os direitos continuam sendo uma promessa distante, e vemos essas pessoas sendo atingidas de modo ainda mais cruel por ações e políticas que não são promotoras da vida, mas sim promotoras da morte.

Então, nos somamos com muita alegria a esse processo e nos colocamos à disposição para colaborar no que for possível. Na sexta-feira à tarde, lançaremos uma campanha que tem tudo a ver com o que vocês aqui e nós agora estamos juntos compondo. A campanha se chama "Todas as Vidas Valem," e vamos dizer isso com toda a força. Valem para a saúde, valem para a educação, valem para moradia, enfim, valem para o conjunto dos direitos humanos. Só teremos garantido o direito humano à saúde se tivermos garantidos todos os direitos humanos para todos e todas o tempo inteiro, e não de vez em quando, ou para alguns e algumas, ou para aqueles que, segundo entendem os donos do poder e do dinheiro, puderem pagar por ele.

Então, muito oportuna essa iniciativa. Obrigado por contarem com a gente. Estamos à disposição. Sigamos aliançados nessa construção. Um beijão.

[00:31:53]

[Sophia Rosa]

Um abraço, Paulo! Muito Obrigada! E agora para dar continuidade, vamos chamar a representante da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Fernanda Sobral. Bem-vinda, Fernanda.

[00:32:06]

[Fernanda Sobral]

Boa tarde a todas e todos. Eu estou aqui representando justamente a SBPC. A SBPC é uma entidade que foi criada em 1948, na defesa do avanço científico, tecnológico, da educação e da cultura no Brasil. Mas sempre, embora esses sejam os temas fundamentais, é da sua história a luta pela democracia e a luta pelos direitos humanos.

Recentemente, ela participou da elaboração, juntamente com outras entidades como a Associação Brasileira de Imprensa, OAB e CNDB, de um documento chamado Pacto pela Vida. Nesse documento, justamente mostra que o momento que estamos enfrentando clama pela união de toda a sociedade brasileira. Também afirma que, em face da expansão da pandemia e de suas consequências, é imperioso que a condução da coisa pública seja condicionada, seja olhada na melhor eficiência e condicionada pelos princípios fundamentais da dignidade humana e da proteção da vida.

Nesse sentido, justamente na medida que tem os princípios fundamentais, que são a dignidade humana e proteção da vida, cabe à SBPC apoiar campanhas como "Vidas Iguais" e "Leitos para Todos" e que tem justamente como objetivo, como vocês já citaram várias vezes aqui, mobilizar a sociedade, pressionar as instâncias de poder público, para garantir o acesso universal e igualitário a todos os pacientes com casos graves da doença, como terapia intensiva, através do SUS. Essa demanda se justifica e isso está também no documento por vários princípios constitucionais: direito fundamental à vida, direito fundamental à igualdade, universalidade do direito social à saúde, entre outros.

Então, é nesse sentido que cabe à SBPC apoiar com prazer, com honra, a fila única de leitos. Era isso.

[00:34:41]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Fernanda pela saudação e por representar e apresentar esses acúmulos importantes para a construção desse movimento. Agora eu gostaria de convidar Túlio Franco, presidente da Associação Rede Unida e companheiro aí na coordenação desse grande ato que a gente está construindo aqui hoje.

[00:35:04]

[Túlio Franco]

Boa tarde, Sophia, aos colegas e colegas presentes hoje aqui e emanados na defesa da vida por uma sociedade justa. Eu gostaria de dizer que, para a Rede Unida, a única forma de estabelecermos leitos para todos é haver uma regulação estatal de todos os leitos do país. Portanto, é muito justa a reivindicação de que haja uma requisição administrativa

dos leitos privados, que são milhares, para que o Sistema Único de Saúde possa fazer essa regulação única, estabelecendo uma fila única. É o único modo de que as vidas possam ter acesso aos recursos necessários de forma indistinta.

Em segundo lugar, para nós, significa também fortalecer o serviço de referência territorial como atenção primária à rede básica, serviços de cuidados intermediários e outros muitos que tenham a referência e trabalho comunitário. Isso também é uma forma de salvar vidas e contribuir para a insígnia dos leitos para todos.

Por último, as diretrizes que organizam esse movimento, que reúne dezenas de entidades, milhares de pessoas, que é a generosidade e a solidariedade no momento da pandemia, esperamos que isso esteja também nos unificando para o período pós-pandemia. Momento em que vamos precisar de muita força entre nós para constituir um novo momento pós-pandemia que seja muito diferente do momento em que entramos nessa pandemia. Que seja melhor, mais justo, mais solidário e mais generoso. Muito obrigado! Estamos juntos nessa luta. Leito para Todos.

[00:36:58]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Túlio! A Rede Vida tem sido fundamental, inclusive agradecemos publicamente a disponibilização da estrutura para estarmos de fato efetivando e materializando esse lançamento do manifesto. A Rede Vida tem sido bem importante nisso, muito obrigada!

E agora, falando em obrigada, em agradecer, gostaria de agradecer todo mundo que está aí em casa, dentro das possibilidades de distanciamento físico ou trabalhando remotamente, e ter conseguido participar, escutar um pouco desse momento que a gente está construindo. Agradecer a participação de todas e todos que estão aqui presentes na nossa chamada, no lançamento do ato, e dizer que é fundamental que a gente consiga construir e enfrentar esses desafios que são colocados para gente a partir da coletividade.

Então, a disponibilidade, a possibilidade de doar um pouco do seu tempo para construir algo que efetive de fato a garantia do direito à saúde a milhares de pessoas no nosso país. Sabemos que a campanha "Leitos para Todos" e "Vidas Iguais" representam a ponta do iceberg do que a gente precisa enfrentar na conjuntura. São questões agudas que estão sendo colocadas sobre a garantia de vidas de quem vive e quem morre dentro desse contexto, mas sobretudo apontamos aqui a importância de valorizar os conceitos, os princípios norteadores do SUS.

Então, como Túlio trouxe para a gente, a atenção primária, todos os níveis de atenção são fundamentais e importantes para a gente enfrentar esse processo. Além disso, como dissemos anteriormente, são mais de 97 entidades que têm assinado o nosso manifesto, e com certeza, é de necessária importância citarmos cada uma que tem contribuído cotidianamente para esse processo.

Gostaria de citar aqui a participação e assinatura da Articulação de Mulheres Brasileiras, da Articulação Nacional de Luta Contra a Aids, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social, Associação Brasileira de Juristas pelas Democracias, Associação Brasileira de Saúde Coletiva, Associação Brasileira de Médicos e Médicos pela Democracia, Associação Brasileira de Saúde Mental, Associação Brasileira de Terapeutas Ocupacionais, a Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids, Associação Brasileira Rede Unida, Cooperativa Habitacional Central do Brasil, o diretório acadêmico Florestan Fernandes, Executivo Nacional de Estudantes de Enfermagem, de Serviço Social, de Direito, o Fórum de Educação Inclusiva de Niterói, o Fórum de ONG Aids do Rio Grande do Sul, Fórum Nacional de Residentes em Saúde, o Fórum Popular de Cultura de Ilhabela, a Frente Evangélicos pelo Estado de Direito à Sociedade Maranhense de Direitos Humanos e também trabalhadores pelo SUS.

E para dar continuidade à sequência de saudações, gostaria de convidar pela saudação por vídeo a assistirmos Anielle Franco, pelo Instituto Marielle Franco.

[00:40:29]

[Túlio Franco]

Eu não tenho o vídeo aqui, Sophia.

[00:40:31]

[Sophia Rosa]

Ah, beleza! Então vamos passar para a próxima, vamos entrar então com a participação da Frente Evangélica pelo Estado de Direitos, representada por Nilza Valéria Zacarias.

[00:40:50]

[Nilza Valéria]

Oi, boa tarde! Hoje estou aqui como uma das representantes da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito. Para nós, é extremamente significativo assinarmos esse documento e pedirmos, juntos com todos vocês, a questão do leito único, ressaltando que vidas são iguais e importam. Isso se torna mais significativo no momento em que os evangélicos são associados, por conta de suas lideranças, a esse governo que tem estabelecido uma política de morte, destacando de forma que algumas vidas importam mais que outras.

Também neste momento, vimos muitos dos nossos pares gerarem manifestos falando do excessivo peso que se tem dado à ciência. Nós, como evangélicos, somos uma frente que faz essa contra narrativa, destacando que sim, a fé e a ciência podem e devem caminhar juntas. Reconhecemos o valor da ciência e a importância de todas as vidas. Em nome da nossa frente e do nosso movimento que se espalha de ponta a ponta do Brasil, nos colocamos sempre à disposição para construir esses espaços e, no que pudermos, tentar convencer e falar com os nossos irmãos sobre a importância. Como temos feito há alguns anos, destacamos a importância e a urgência do sistema único de saúde, da atenção

primária e, sobretudo, das políticas de proteção para que possamos passar por essa página infeliz que todos nós temos passado. Obrigada!

[00:42:54]

[Sophia Rosa]

Nós que agradecemos Nilza, agora na sequência vou convidar Fabiana Pinto, representando As Mulheres Negras Decidem.

[00:43:08]

[Fabiana Pinto]

Boa tarde a todos e a todas. Sou a Fabiana Pinto, estudante de saúde coletiva e articuladora do movimento Mulheres Negras Decidem, que luta pela representação política de mulheres negras. Acredito que somos o maior grupo demográfico do Brasil, representando 28% da população. Assim, é evidente que esta crise, mais esta crise, nos atingirá de forma diferente. Sophia já mencionou que a população negra é a mais afetada pelo Coronavírus (Covid-19), sendo a que mais sofre com óbitos.

Acredito na importância de defender a pauta da saúde através da fila única, regulada pelos Estados, por leitos para todos, para que a iniciativa privada seja chamada à responsabilidade durante este período de crise. Acho inaceitável que médicos tenham que decidir quem pode morrer e quem pode viver, enquanto ainda não esgotamos todos os recursos. É o que estão tentando fazer, decidir quem pode morrer enquanto há leitos no setor privado sem serem utilizados, sem sabermos quantos leitos estão ociosos.

Gostaria de deixar aqui uma saudação. Acredito que defender o Sistema Único de Saúde (SUS) também é defender a vida da população negra, que constitui 68% do grupo que depende exclusivamente do SUS. Portanto, ao falarmos em defender o SUS, a vida e a necessidade da fila única e leitos para todos, estamos falando em proteger a vida da população negra.

O coronavírus mata, e embora muitos falem sobre um possível vírus democrático, a desigualdade e a falta de acesso a serviços hospitalares e de saúde aceleram esse óbito. Quero deixar essa mensagem de apoio. O movimento Mulheres Negras Decidem acredita fortemente que sairemos mais fortalecidos dessa crise, com nosso sistema de saúde mais robusto. A Fila Única e o Leito para Todos representam uma campanha por um maior senso de justiça e solidariedade em nossa sociedade. Enfim, deixo esta saudação. Estamos juntas e juntos e espero que possamos sair um pouco melhor dessa crise. Obrigada a todos!

[00:46:00]

[Sophia Rosa]

É isso aí, vamos que vamos e para dar sequência...

[00:46:02]

[Túlio Franco]

Eu tenho o vídeo Sophia, da Anielle Franco.

[00:46:08]

[Sophia Rosa]

Perfeito, pode colocar então, Túlio. Obrigada! Como anteriormente, vamos ter algumas participações aí por vídeo também.

[00:46:29]

[Anielle Franco]

Tenho acompanhado aí com muito pesar, muita preocupação, a curva do nosso país em relação aos óbitos causados pela Covid-19, e a gente consegue ver claramente que a população mais afetada é a população negra, favelada, a pobre e periférica. E por isso que o nosso Instituto Marielle Franco apoia integralmente e fortemente a campanha do leito para todos. A gente precisa criar uma fila única de acesso às internações, aos lugares para as internações. Então, por favor, apoie a gente, vem com a gente pela saúde da população negra, pela saúde da população favelada, periférica, pobre, pelo SUS e por todos aqueles que precisam ter direitos a leitos, que a gente vai a essa campanha juntos. Leitos para Todos Já! Obrigada!

[00:47:19]

[Sophia Rosa]

Tivemos a saudação da Anielle, vamos seguir talvez com um vídeo da próxima, e vamos dar sequência, convido Lili Brum da Articulação de Mulheres Brasileiras, a saudar aqui em nosso lançamento.

[00:47:43]

[Lili Brum]

Componho a Articulação de Mulheres Brasileira, a AMB é um movimento feminista que está há mais de 25 anos na luta contra o patriarcado, o racismo e o capitalismo. Forças que atualmente mostram explicitamente as suas garras no nosso país e as consequências mais graves voltadas para o povo pobre, negro e favelado, mas afetando diretamente nesse recorte as mulheres.

Eu quero falar que nós da AMB consideramos fundamental estar aqui fortalecendo as vozes e esse coro, como denúncia, como opressão e também que luta por uma política de qualidade, ou seja, uma luta também para superar algumas desigualdades presentes que se demonstra aí no acesso à saúde nesse momento tão grave do país. E queríamos reforçar que para nós isso é como para todos aqui, tenho certeza, é algo que é de direito lutar por vidas iguais e leito para todos, porque está explícito desde 88 com o nascimento do SUS, que nasce sob esse pilar, que saúde é um direito de todos e dever do Estado garantir o acesso universal e igualitário, ou seja, a gente tá aqui chamando para um manifesto para algo que é um dever do Estado de garantir.

A gente sabe que o SUS nunca foi suficiente, nunca foi suficiente em termos de leito, de investimento houve toda a precarização, a Emenda Constitucional 95 agravou toda essa situação aí, foi um golpe fatal no desmonte que já vem acontecendo desde 2014 com um golpe que aconteceu com a presidenta Dilma Rousseff vem se agravando ainda mais a situação de investimentos, o precário investimento no SUS, e com isso, com a Emenda Constitucional 95, tudo se tornou mais grave.

E a gente sabe que as penas disso recaem efetivamente e particularmente sobre as mulheres, não só porque as mulheres conforme o IBGE diz, são cinquenta por cento do chefe de família hoje no Brasil, mas também porque sobre as mulheres recai toda a carga do trabalho doméstico que nesse momento a gente sabe o que significa. O trabalho do cuidado, o trabalho dentro de casa, o trabalho na enfermagem, nos hospitais, na casa de família que por exemplo foi recentemente publicado um decreto em Belém, no Estado do Pará, mas em Belém também que considerava o trabalho doméstico essencial, ou seja, a Confederação Nacional de Trabalhadoras Domésticas, denuncia a manutenção de um sistema escravocrata que tem nisso a base do mercado e do capital.

Então se as mulheres são mais da metade do país, são praticamente metade das chefes de família, são as que dão grande parte dos trabalhos domésticos e os hospitais, quem é que está recaído toda carga de cuidado ou a maior parte de cuidado dessa pandemia e é logicamente para as mulheres. Então são elas as cuidadoras, então nesse sentido a gente queria trazer aqui algumas questões que para nós, esse manifesto que é por luta por direitos iguais porque todas as vidas são iguais, a gente queria também lembrar que para nós lutar por leitos iguais ou trazer aqui a voz das mulheres do movimento feminista, no momento da Articulação de Mulheres Brasileiras, é dizer que a gente também quer ter leitos para todos, como já dissemos aqui, como o Manifesto diz, para todas as pessoas que chegam em emergência de hospitais públicos, que chegam em todas as situações nos serviços de saúde, seja para cuidados intensivos e etc.

Mas nós também queremos leitos para as mulheres que chegam nos hospitais, nas emergências em risco de vida, em situação de abortamento, ou vítimas de estupro que precisem de um aborto legal mas não encontram as portas abertas para a maioria dos serviços de atendimento à violência sexual, recentemente aconteceu no INAUDÍVEL aqui em São Paulo que fechou o serviço e por pressão da sociedade civil articulada em movimento feminista reabriu porque as mulheres não param de abortar, de sofrer abortos e de ter o direito... precisam ter os direitos reprodutivos garantidos.

Mas nós sabemos também que a violência nesse período triplicou ou quadruplicou sobre as mulheres, sobre a população LGBT, então a gente precisa sim ter leitos para atendimento dessas mulheres que chegam nos serviços violentadas, esfaqueadas, quebradas, amedrontadas, vítimas da violência doméstica e de gênero de modo geral, a gente também quer dizer que vidas iguais e direito a leitos é para todas as mulheres que precisam parir com dignidade, caso optem por um parto hospitalar ou por um parto em casa, mas no hospital que sejam leitos seguros, com cuidados seguros para elas e que

tenham direito a acompanhante porque imagina nessa situação de pandemia e de toda essa situação grave que a gente está enfrentando, você parir em um lugar inseguro que hoje no hospital se tornou um dos lugares mais inseguros em função do contágio do COVID e com direito a acompanhante.

E para nós, leito para todos também significa não ter discriminação racial, étnica, de classe e de faixa etária, porque o que a gente está vendo hoje no nosso país é que hoje a gente está transformando o país, os idosos estão sendo transformados em um peso e não é possível que a gente chegue ao ponto de ter que escalonar a vida de quem vale mais ou vale menos nesse país, em que profissionais de saúde são colocados diante de um sério dilema ético de ter que escolher quem vai salvar e quem não vai salvar, quando na verdade a gente sabe que genocida é o Estado quando não garante política pública e igualdade de direitos.

Então a gente queria dizer também para finalizar aqui para nós, essa luta de estar aqui juntos por esse Manifesto, luta por vidas iguais e direito a leitos, significa que para nós é importante estar junto também com a campanha que está vindo, com a taxaço das grandes fortunas. Porque para nós se não houver uma mudança de fato nesse país, não vai ser possível a gente ter um SUS que se torne sustentável de fato é que a partir dessa situação da pandemia e de todas as exigências que a gente tem para que esse SUS seja a quem se destina, ele se torne sustentável e tenha acesso indistinto para todas as pessoas passando a pandemia.

E para isso também a gente entende que a gente tem que se unir com vários grupos, várias lutas e com várias formas, junto com a plataforma, por exemplo, dos movimentos sociais pela reforma do sistema político. A gente tá lutando por essa mudança no sistema político que nesse momento significa tirar Bolsonaro, tirar Mourão e tirar essa necropolítica que tá aí pra gente poder ver alguma transformação e ter a democracia de volta nesse país.

Então, queria cumprimentar quem organizou essa campanha, quem vem puxando, é uma campanha fundamental super bem-vinda num momento triste, de desgraça mas que eu acho que traz luz para uma outra luta que tem que se manter forte e que tem que ser uma luta que não se pode parar para ter leitos para todos. E fazer as empresas assumirem o seu papel de responsabilidade, é papel do Estado. Então é isso, vidas iguais e leitos para todos, esse é nosso lema junto com vocês. Obrigada!

[00:56:41]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Lili. E agora convido Rud Rafael, do Movimento dos Trabalhadores Sem-teto, MTST, a falar, só gostaria de retomar um pouco a questão do tempo, para que a gente consiga fazer o ato com um fluxo mais tranquilo para garantir a participação de todas e todos. Então estamos pedindo saudações de um minuto e meio a dois minutos, sigamos então ... pode dar continuidade Rud Rafael.

[00:57:25]

[Túlio Franco]

O Rafael está com áudio?

[00:57:32]

[Rud Rafael]

Agora foi? Bom, obrigado, Sophia. Boa tarde a todas e a todos. Para nós do MTST, é um prazer estar fazendo parte, é um compromisso, na verdade, nosso estar fazendo parte desse campo amplo das pessoas que estão de fato preocupados e preocupadas com o Brasil nesse momento e nessa pandemia. Ainda mais no mês de maio, onde se aponta, as pesquisas apontam que os leitos, a gente vai ter uma saturação do sistema público de saúde. Já acontece em vários Estados do Norte e do Nordeste, com o crescimento da curva e do contágio, a gente vai ter uma situação ainda mais trágica e não é possível que diante de mais de 12 mil vidas perdidas que foi essa pandemia, a gente não tenha a dimensão da gravidade do processo em que a gente vive e que se a gente não teve mais mortos é graças justamente ao Sistema Único de Saúde, defendido com muita luta por técnicos, por profissionais, pela sociedade como um todo e agora esse sistema pede socorro.

É fundamental que a gente tenha hoje todas as forças de todas as instituições brasileiras dedicadas a fazer avançar essa pauta como já foi dita que a pandemia, ela não atinge a todas as pessoas de forma igual, as periferias urbanas, as populações do campo, da floresta, hoje as de cidades médias são atingidas e impactadas pela pandemia de uma forma muito mais desigual e muito mais brutal. Então a forma de fazer uma reparação histórica, ele cometer um ato de justiça a essas populações que não têm condições iguais de se prevenir em relação à pandemia é que a gente faça avançar essa pauta de leito para todos e para todas.

O MTST está junto dessa luta e não só dessa luta, mas pelo fora Bolsonaro, pela taxaço de grandes fortunas e de uma agenda que faça uma revolução solidária de fato acontecer no Brasil, que a gente tenha esse legado de um momento tão difícil e a gente consiga construir uma solidariedade com direitos e políticas públicas para a população brasileira.

[00:59:54]

[Sophia Rosa]

Obrigada, Rud, fundamental a fala. Agora para dar sequência, convidamos o Thiago Campos, representando a Associação Brasileira de Juristas pela Democracia.

[01:00:09]

[Thiago Campos]

Boa tarde a todas e a todos, aqui em nome da Associação Brasileira de Juristas da Democracia, essa instituição que tem como objetivo primordial lutar pelo estado democrático de direito e reconhecendo que saúde é democracia e não há democracia sem

saúde, nós nos somamos a vocês todos, a todas essas entidades nesse movimento por leitos para todos. A regulação estatal do acesso ao leito de UTI não só nesse momento de pandemia, mas durante toda a vigência da Constituição, é um dever garantir acesso universal e igualitário a todos os brasileiros.

A nossa defesa aqui da ABJD, mas de todos vocês aqui juntos, soma-se nessa luta, na luta de transformar em concretude aquilo que é o objetivo de construção desse Estado. Como bem lembrou o Pedro Serrano, nunca se transformou em efetiva nação, construir um Estado que seja justo, democrático e solidário e a solidariedade aqui mais do que nunca é o que vai nos definir. Se nós ainda não nos indignarmos diante das portas de hospitais fechadas para aqueles que mais precisam, quando vagas existem em hospitais privados, nós de fato falhamos como nação, nessa perspectiva de construção dessa nação.

Então a gente se soma a todos vocês, as falas belíssimas que ouvimos aqui antes, as saudações de todas essas entidades, mas de todos aqueles que não estão aqui também presentes, mas que defendem firmemente essa construção desse Estado que assegure de fato direito à saúde a todos. Vão contar com apoio dessa entidade, da minha entidade aqui representada, Associação Brasileira de Juristas pela Democracia, é isso gente, rapidamente agradeço mais uma vez aqui ao professor Túlio, a você Sophia por essa condução, por essa condução e que esse ato aqui seja um ato histórico e que consiga dar completude a isso que nós estamos aqui defendendo. Que tenhamos leitos para todos e salvemos cada vez mais as vidas de cada um dos brasileiros, as minhas condolências a todas as famílias que hoje enfrentam essa pandemia, aqueles que perderam seus entes queridos, aqueles especialmente profissionais de saúde que estão na frente da luta, ontem inclusive comemoramos o dia mundial da enfermagem, as enfermeiras e enfermeiros, aos médicos e a todos os demais profissionais de saúde, o nosso mais forte abraço e agradecimento por essa luta. Estamos juntos e seguindo juntos, muito obrigado!

[01:02:43]

[Sophia Rosa]

Estamos juntíssimos, Thiago! Muito obrigada pela contribuição e agora para fechar esse grupo inicial, vamos assistir a saudação da Sônia Fleury, importante pesquisadora da saúde coletiva, que vai compartilhar com a gente um pouco sua participação aqui no lançamento do nosso Manifesto.

[01:03:12]

[Sônia Fleury]

A campanha Vidas Iguais e Leitos para Todos é da maior importância no momento que nós estamos vivendo, não é justo..

[01:03:20]

[Sophia Rosa]

Túlio, não está compartilhando a tela.

[01:03:27]

[Túlio Franco]

Então retoma e eu vou ver o que está acontecendo aqui.

[01:03:42]

[Sophia Rosa]

Beleza, obrigada! Vamos então dando continuidade, afirmando aí que nenhuma vida pode valer menos que a outra. Antes de convidar os próximos companheiros a saudar aqui o nosso movimento, é importante citar que, a partir dessa articulação que temos construído desde o dia 25 de março, já conseguimos materializar a plataforma do manifesto "Leitos para Todos" de formas diferentes pelo país. Para citar alguns exemplos, é relevante destacarmos a garantia de projetos de leis federais que têm sido construídos a partir do âmbito legislativo em prol da pauta "leitos para todos". Assim, saudamos e citamos as iniciativas dos deputados federais Marcelo Freixo do PSOL do Rio de Janeiro, Túlio Gadelha do PDT de Pernambuco, Arlindo Chinaglia do PT de São Paulo, Alexandre Padilha do PT de São Paulo, Orlando Silva do PCdoB de São Paulo, Daniel Almeida do PCdoB da Bahia, e outro projeto de lei iniciativa construído pela bancada do PSOL.

Além disso, como retomamos, temos 97 entidades que assinam o nosso manifesto, incluindo a Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids de Florianópolis, o Grupo pela Vida Instituto Helena Greco de Direitos Humanos e Cidadania, o Instituto Marielle Franco, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Trabalhadores Sem-teto (MTST), o Movimento Nacional das Cidadãs Positivas, o Movimento Nacional de Direitos Humanos, o Movimento Nacional Quilombo, Raça e Classe, o Movimento pela Saúde dos Povos Brasil, o Movimento Popular de Saúde MOPS Campinas, a União Nacional dos Estudantes, e Universidades Aliadas pelo Acesso ao Medicamento.

Para dar prosseguimento, convidamos agora Madalena da Silva para representar a Central Única dos Trabalhadores de Pernambuco. Boa tarde, Madalena.

[01:06:17]

[Madalena da Silva]

Boa tarde, companheiros e companheiras! Saudações à professora Bernadete, que entrou em contato conosco, saudações à Sophia, e a todos que estão nesta live neste momento. Saudamos também aqueles que nos assistem. Diante do agravamento e das condições de atendimento do sistema de saúde e da rede hospitalar, a CUT se incorpora a esta campanha como mais uma organização, somando-se a esse debate e a essa luta. Vidas iguais, leitos iguais para todos e todas, fila única. A CUT entende que esta campanha é muito importante, pois trata do acesso igualitário, do acesso universal de todos e todas à saúde, esse bem maior, e neste momento ela chama a atenção para um problema que aparentemente é final, pois as pessoas já estão doentes, já estão infectadas pelo vírus da COVID. Entretanto, essa campanha vai além da discussão da fila única, ela desnuda para

nós todo o sistema de saúde, as desigualdades sociais, as mazelas que estamos enfrentando.

Portanto, a CUT, toda a direção da CUT nacional e estaduais, vem fazendo esse debate de garantia de direitos. Apontamos para o afastamento social, mas garantindo os direitos para que os trabalhadores e as trabalhadoras, especialmente aqueles invisibilizados que o governo chama de invisíveis, e que para nós são 40 milhões de trabalhadores desalentados, precarizados, que estão passando por muitas dificuldades. A CUT quer garantir o afastamento social e discutir também a garantia do acesso à alimentação, do acesso à água, das coisas básicas e necessárias para nossa vida. Agradecemos muito o convite, colocamos a CUT, nossa central, à disposição da campanha e das outras entidades que a compõem. Muita luta! Entendemos também que sem democracia não há saúde, e para finalizar, quero deixar o nosso grito, o nosso eco por todo o Brasil: Fora Bolsonaro!

[01:09:35]

[Túlio Franco]

Está sem som Sophia.

[01:09:42]

[Sophia Rosa]

Opa, problemas técnicos aqui. Muito obrigada, bem, agora vamos dar continuidade aí com os vídeos que não tinham passado, aí descobrimos que os vídeos estão passando para quem está nos assistindo pelo youtube, infelizmente nós que estamos aqui na chamada não assistimos, mas poderemos retomá-los e escutá-los depois. Então gostaria de pedir para o Túlio, para soltar a saudação de Sônia Fleury.

[01:10:19]

[Sônia Fleury]

A campanha Vidas Iguais e Leitos para Todos é de extrema importância no momento em que estamos vivendo. Não é justo e nem constitucional a discriminação por poder aquisitivo em questões de vida ou morte na saúde. Em primeiro lugar, temos a Constituição que garante o direito universal à saúde e a relevância pública dos serviços de saúde, independentemente da propriedade.

Em segundo lugar, é preciso considerar que, no momento da pandemia, é necessário utilizar todos os recursos disponíveis, estabelecer protocolos regulamentados e empregar esses recursos para salvar vidas. As vidas importam, e os leitos devem ficar disponíveis, em vez de permanecerem ociosos enquanto as pessoas sofrem sem acesso.

Finalmente, os empresários precisam compreender plenamente que, em um momento como esse, é excepcional e deve ser tratado da mesma forma que ocorreu no mundo inteiro. Não é algo surpreendente quando recursos públicos são utilizados para salvar bancos, comprar títulos ou resgatar pequenas, médias e grandes empresas. Os recursos públicos são empregados porque são consideradas situações de necessidade, e em

nenhum momento há uma necessidade maior do que salvar vidas agora. Todos devem contribuir, disponibilizando seus recursos de acordo com os critérios acordados entre os setores público e privado, pautados pelos princípios da justiça social.

[01:12:11]

[Sophia Rosa]

Obrigada pela contribuição e pela disponibilidade, Sônia Fleury é uma importante expoente da pesquisa em saúde coletiva no país. E agora para dar prosseguimento, convidamos Priscila Viegas, do Fórum de Entidades Nacionais dos Trabalhadores da Saúde para fazer sua saudação aqui. Boa tarde, Priscila.

[01:12:38]

[Priscila Viegas]

Boa tarde! Boa tarde a todas e todos, prazerão estar aqui nesse momento. Podendo somar ao Manifesto, o áudio está legal? Obrigada! Estamos aqui para poder apoiar, como co-coordenadora do Fórum das Entidades Nacionais de Trabalhadores e Trabalhadoras da Área da Saúde, também integrando a Mesa Diretora do Conselho Nacional de Saúde e Vice-Presidenta da Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais, viemos manifestar a nossa adesão a esse Manifesto que é imprescindível nesse momento de pandemia.

Reafirmando a saúde como um direito humano de todos e o Sistema Único de Saúde como um sistema universal, patrimônio do povo brasileiro é referência para o mundo. A gente viveu um momento de muitas conquistas históricas que só se culminaram com a adesão, movimento, morte de muitas pessoas em defesa dos princípios fundamentais que fundaram nossa Constituição Federal, como a solidariedade, a dignidade da pessoa humana, a valorização do trabalho e a justiça social.

Então é importante esse movimento nesse momento para reafirmar o acesso universal a todas as pessoas à saúde, entendendo o conceito ampliado que considera também o acesso à moradia digna, à água encanada, saneamento e que nesse momento, nesse Manifesto específico, estamos lutando para que todas as pessoas tenham o direito, a dignidade de acesso a um leito de UTI, dentro de outras questões que reforçam nossas defesas.

Aproveito também, né também para viabilizar essa luta, que também tem que lutar para mais recursos para o SUS, colocar de novo o SUS na centralidade da gestão da saúde, como direito humano, entendendo que a gente tem um Sistema Único de Saúde, já que na época da Constituição foi considerada a saúde com o complemento ao SUS, que ela assuma o seu lugar de suplemento e que a gente pense na estratégia de leitos integrais para todos e todas, com o SUS, ou seja, com a regulação estatal desses leitos que a gente se defende fortemente. Entre outras defesas, eu gostaria de aproveitar esse tempinho para trazer que também é importante lutar pela Revogação da Emenda Constitucional 95, que congelou investimentos e não gasto das políticas públicas, que a gente seja contrário contra a Reforma da Presidência, contra a Reforma Trabalhista que também tudo isso faz

parte de um conjunto de direitos duramente conquistados e que estão sendo fortemente atacados.

Então somos contrários à precarização das condições de vida e saúde da população e defendemos fortemente a saúde como um direito. Afinal, como diz a nossa Frente Nacional Contra a Privatização da Saúde, saúde não se compra, não se vende, é direito garantido e conquistado e é isso que o FENTAS defende, a saúde como um direito humano para todos e todas as pessoas. Muito obrigada por esse espaço, avance, sigamos com força, coragem e ternura, pois também é preciso ternura e afeto para se somar e se juntar na luta pelos nossos direitos. Obrigado!

[01:15:57]

[Sophia Rosa]

Muito obrigada, Priscila! Importante lembrar do afeto, da coletividade, é o que dá sentido à essa nossa organização. Bem, antes de passar a fala aí pro Pedro Martinez do Sindicato dos Advogados, gostaria de passar a voz dentro desse grande Ato aqui, para o companheiro Túlio Franco que assumirá daqui esse nosso encontro e a coordenação deste nosso espaço, deixo um abraço para todas e todos aí. E vamos e sigamos na luta de Leitos para Todos, entendendo que isso é defender saúde para todos. Um abraço!

[01:16:39]

[Túlio Franco]

Obrigada, Sophia! A Sophia tem um outro compromisso agora, então vamos na sequência ouvir o Pedro Martinez do Sindicato dos Advogados de São Paulo. Boa tarde! Obrigado!

[01:16:54]

[Pedro Martinez]

Boa tarde a todas e a todos. Gostaria de fazer aqui uma saudação rápida para não ficar repetitivo, em nome do Sindicato dos Advogados de São Paulo. É com muito orgulho que estamos participando de mais essa luta, que entendemos como prioritária no nosso país. Observamos que existem falhas, e nosso objetivo é, acima de tudo, exercer uma pressão política nas autoridades. Vemos que em alguns lugares, como no Maranhão e aqui mesmo em São Paulo, já está ocorrendo a requisição de leitos privados pelo Governo Estadual ou pelo Governo Municipal, como é o caso de São Paulo. Esperamos que isso se amplie e que não esperem até o último momento, quando não houver mais nenhum leito público, para fazer essa requisição ou buscar outras formas de utilização dos leitos privados. Acreditamos que a campanha está obtendo resultados, ficamos muito felizes com seu crescimento nas últimas semanas e esperamos que continue a crescer ainda mais. É isso.

[01:17:57]

[Túlio Franco]

Obrigado! Vamos chamar agora Naya Puertas, Sindicato dos Médicos do Estado do Rio de Janeiro. Oi, Naya, é com você tá!

[01:18:11]

[Naya Puertas]

Boa tarde, sou Naya Puertas do Sindicato dos Médicos. Nosso Sindicato é Municipal, não é Estadual. E nós não poderíamos deixar de assinar esse Manifesto, porque defendemos principalmente a vida. Nós, médicas e médicos, junto com todos os profissionais da saúde, defendemos a vida, o acesso à saúde, o acesso aos leitos, o SUS público. A revogação da Emenda Constitucional 95 garante a vida, a vida de todas aquelas e aqueles que são marginalizados por essa sociedade. Queremos um SUS verdadeiramente público, por isso esse Manifesto de leitos para todos, que vem com outras plataformas que também apoiamos. Além da fila única, os investimentos na saúde são fundamentais para nós. Estamos aqui na defesa dos EPIs para os trabalhadores e trabalhadoras da saúde. Estamos adoecendo e morrendo. Só enfermeiros já morreram no país mais de 93, nesse último período. Então estamos aqui, Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, juntos com todos nessa luta pelo SUS, que é universalidade, equidade. Precisamos dar atendimento a quem mais precisa. Não queremos escolhas, Sophia, queremos a integralidade do serviço. Vamos à luta, companheiros!

[01:20:00]

[Túlio Franco]

Obrigado, Naya! Na sequência por favor, Rafael Tritany do Fórum Nacional de Residentes em Saúde.

[01:20:11]

[Rafael Tritany]

Boa tarde a todas e todos. Sou o Rafael Tritany, do Fórum Nacional de Residentes em Saúde. A residência é um modelo de especialização em serviço que tem como eixo central a formação do SUS no SUS e para o SUS. Eu acho que isso é uma centralidade nesse momento, a gente discutir a necessidade do SUS, os trabalhadores que estão na linha de frente, nós residentes estamos em todos os níveis de atenção, seja desde a atenção primária até atenção especializada. Dividindo as fileiras com os colegas de trabalho, que estão duramente tendo que enfrentar essa pandemia com péssimas condições de trabalho, com falta de EPI e no momento com atraso de dois meses de bolsa dos residentes, eu queria usar esse espaço aqui para fazer essa denúncia ao Ministério da Saúde que oferece um complemento da bolsa momentâneo, mas não paga bolsa aos seus trabalhadores, fazendo com que muitos e muitas tenham que ir ao seus trabalhos, que já passam por péssimas condições de trabalho e ainda sem direito a sua bolsa.

Mais do que isso, a gente tem diversas fragilidades na residência que se esgarçam nesse momento de pandemia, nesse conflito social, que isso é uma legislação muito frágil, uma carga horária de 60 horas. Nós residentes de saúde do Fórum Nacional estamos apoiando aí essa campanha de Leitos para Todos, entendendo que nesse momento, mais do que nunca, é necessário colocar a vida em primeiro lugar e que as vidas valem muito! Muito mais do que a ganância dos ricos e poderosos, do complexo médico-financeiro, digamos assim. E que é preciso mais do que nunca defender com unhas e dentes os princípios do

SUS, com unhas e dentes o acesso equitativo aos leitos e aos serviços de saúde. Não apenas aos leitos, mas também o fortalecimento da vigilância sanitária, o fortalecimento da atenção primária à saúde. É isso é um pouco do recado, queria agradecer a todas e todos pelo momento da fala e seguimos juntos, seguimos enfrentando o coronavírus juntos em defesa do SUS. Muito obrigado!

[01:22:38]

[Túlio Franco]

Obrigado, Rafael! Queria chamar o Paulo Garrido do Sindicato Nacional dos Trabalhadores e da Fundação Oswaldo Cruz. Tem que abrir seu áudio Paulo.

[01:22:53]

[Paulo Garrido]

Boa tarde, lendo aqui em nome dos trabalhadores e trabalhadoras da Fundação Oswaldo Cruz, o Manifesto da Executiva nacional da ASFOC, nós, trabalhadores e trabalhadoras da Fiocruz, somos contra a naturalização e banalização da morte.

As mortes não são uma consequência natural da pandemia, as mortes são evitadas, as mortes não estão descoladas das condições sociais, as mortes não são o resultado direto e exclusivo da obesidade, da pressão alta, da diabetes ou da idade, como querem nos fazer crer. As mortes não são resultado direto da pandemia, as mortes são resultado da desigualdade, as mortes são resultado da ausência de investimentos em saúde, bem-estar social, em ciência e tecnologia.

As mortes são resultado da falta de investimentos em uma indústria nacional capaz de produzir ventiladores, equipamentos de proteção individuais e outros insumos para a saúde. As mortes são resultados da incúria, da insensibilidade de governantes, são resultados de uma economia para poucos. As mortes são resultados de ausência do Estado, da precarização do serviço público. As mortes são resultado da destruição da atenção básica que transforma o hospital na primeira e única porta de entrada para o SUS.

As mortes são resultados do colapso, da estrutura de atenção à saúde, as mortes são resultado das carreatas de morte e dos péssimos exemplos do presidente. As mortes são resultados de rankings que escolhem quem vai ter a chance de lutar pela vida, as mortes são resultados da desigualdade, desigualdade que se mostra em toda a sua crueldade na separação de leitos, uma segregação desumana, injusta e covarde.

Leito para Todos, dignidade para todos, Toda vida importa, é preciso cuidar e cuidar de quem cuida, somos ASFOC, somos Fiocruz, somos SUS, orgulho de ser Fiocruz, ASFOC atuante na luta sempre! Muito obrigado!

[01:25:30]

[Túlio Franco]

Obrigado, Paulo! Todas as vidas importam! Vamos anunciar aqui algumas iniciativas Municipais do Paulo Pinheiro, Tarcísio Motta, Barbalho, Leonel Brizola, Marcos Paulo, Renato Cinco, PSOL Rio de Janeiro e do Prefeito Bruno Covas, iniciativas que têm encaminhado alguma solução de leito para todos. Ações do Senado, por iniciativa do Senador Rogério Carvalho, Humberto Costa, Zenaide Maia, Jaques Wagner, Paulo Rocha, Paulo Paim. Algumas entidades que estão na campanha, assinam o Manifesto: a Associação Brasileira de Enfermagem, a Associação de Medicina de Família e Comunidade do Rio de Janeiro, Associação de Musicoterapia do Estado do Rio de Janeiro, Associação de Pós-graduandos da Fundação Oswaldo Cruz, Associação dos Servidores da Saúde de Niterói, Associação dos Servidores do Ministério Público do Trabalho Militar, Associação dos Servidores da Vigilância Sanitária do Estado do Rio de Janeiro, Associação Nacional de Pós-graduandos, Associação Paulista de Saúde Pública, Central Única dos Trabalhadores, Central Única dos Trabalhadores de Pernambuco, Central Única dos Trabalhadores do Rio de Janeiro. Agora, vamos passar a palavra para Ana Sandra Fernandes do Conselho Federal de Psicologia.

[01:27:02]

[Ana Sandra Fernandes]

Boa tarde a todos e a todas, sou Ana Sandra Fernandes, presidente do Conselho Federal de Psicologia. Represento aqui hoje a categoria de psicólogas e psicólogos que, juntamente com outras categorias profissionais da área de saúde, estão na linha de frente do enfrentamento a essa pandemia. O CFP compreende que a psicologia tem um papel fundamental no enfrentamento das situações de crise na sociedade. Por isso, nós somamos força a esse Manifesto hoje, na batalha para que o Poder Público apresente melhores condições tanto aos profissionais de saúde quanto às pessoas afetadas pelo vírus.

Aproveito esse momento para dizer que Todas as Vidas Importam, mas hoje, nesse 13 de Maio, que é um dia simbólico, dia da abolição da escravidão, mais do que nunca é fundamental destacar e reforçar que vidas negras importam. A vida das pessoas, como já foi tão bem colocado hoje por colegas que me antecederam, a vida das pessoas nas periferias, a vida das mulheres, a vida daquelas pessoas que sentem na pele, na alma, as violências do racismo, da desigualdade, da injustiça, da exclusão e da invisibilidade.

Convocamos as pessoas a refletirem sobre a persistente desigualdade racial em nosso país, reforçada cotidianamente por práticas racistas, e que se torna ainda mais evidente e vulnerável durante essa pandemia. Segundo dados do Ministério da Saúde, como já foi tão bem colocado neste Manifesto hoje, um a cada três pessoas mortas por Covid-19 são negras.

Outro ponto importante a reafirmar é que, em momentos de crise, o Sistema Único de Saúde brasileiro, nosso SUS, apesar de todo ataque que vem sofrendo ao longo de sua

existência, tem sido fundamental e assertivo para o enfrentamento dos agravos à saúde e para a garantia do direito humano universal à saúde. O CFP reconhece que seus desafios passam pelo histórico do subfinanciamento, pelo estrangulamento e pelo fato de que tem sido ainda mais prejudicado com a Emenda Constitucional 95, que congelou por 20 anos investimentos em políticas sociais, com destaque para a saúde e para a educação.

Nós defendemos veementemente o fortalecimento do SUS, pois poucas políticas públicas brasileiras têm tanto reconhecimento, sobretudo internacional, quanto o SUS. O Sistema Único de Saúde Brasileiro, gratuito e universal, é um patrimônio da nossa sociedade, inclusive no enfrentamento das desigualdades sociais.

Quero também, em nome do CFP, agradecer com muito carinho a todos os profissionais que estão na linha de frente, no cuidado da população, no enfrentamento da pandemia. Temos completa consciência de que hoje, os profissionais da saúde, incluindo as psicólogas e psicólogos, estão tão ou mais expostos à Covid-19 do que a população em geral. Merecem todo o nosso cuidado, toda a nossa atenção e respeito, além de políticas efetivas de enfrentamento, considerando suas próprias vidas e saúde.

Portanto, é muito oportuno que se registre aqui que a coragem de todos esses trabalhadores e trabalhadoras não pode ser minimizada, assim como não podem ser minimizados os acúmulos da ciência e os esforços que a gestão pública deve realizar para garantir uma atuação completamente segura desses profissionais. A vocês, todos os profissionais de saúde, nosso reconhecimento e nosso agradecimento.

Por fim, quero também dizer que nós do CFP lamentamos profundamente a perda de tantas vidas. A psicologia, como ciência e profissão, estará sempre atenta para oferecer o suporte necessário, especialmente agora, quando a pandemia nos deixa tão vulneráveis e em busca de soluções solidárias. Estamos em luto pelas vidas perdidas. Estamos na luta ao lado de todas as pessoas, ao lado de todos vocês. Uma boa tarde a todos e a todas e o meu muito obrigada!

[01:31:56]

[Túlio Franco]

Obrigado, Ana! Vamos ouvir agora a mensagem do Gonzalo Vecina, professor da USP e com uma vida dedicada ao Sistema Único de Saúde.

[01:32:13]

[Gonzalo Vecina]

Olá, eu sou Gonzalo Vecina Neto, professor da Faculdade de Saúde Pública da USP, e tenho discutido muito o assunto do coronavírus e suas consequências no setor saúde. Nós hoje estamos muito preocupados com a questão da falta de leitos, particularmente leitos de UTI, porque essa pandemia consome leitos, especialmente leitos de UTI. Cinco por cento da população que tenha a doença vai precisar ser internada em UTI ou morrer. Nós,

no Brasil, temos sete leitos por 100 mil habitantes no SUS em UTI, e na iniciativa privada, 35 leitos por 100 mil habitantes. Cinco vezes mais. No entanto, os leitos da iniciativa privada hoje se encontram relativamente subutilizados porque há uma suspensão do programa de cirurgias eletivas que visa o confinamento social. Então, nós estamos vivendo uma ociosidade nesses hospitais de trinta a quarenta por cento.

O que estamos pedindo agora é que se estabeleça um acordo com os leitos do hospital privado para que pacientes do SUS que necessitam de leitos sejam internados com o devido ressarcimento dos custos na utilização desses leitos. Porém, se não for possível através da contratualização desses leitos durante o período da pandemia, nós temos a Lei da Emergência Sanitária, a 13979, de fevereiro de 2020, que permite a requisição dos leitos. O executivo que não requisitar leitos quando não houver oferta da iniciativa privada e estiverem morrendo pacientes no SUS por falta de acesso a leitos de UTI, está prevaricando e deverá, no momento seguinte, responder por essa infração.

Então, eu acho que nós temos que fazer uma luta importante para criar um movimento cooperativo de todas as forças dentro da sociedade, para criar uma fila que seja estipulada para atender aos pacientes do SUS, juntando leitos do Estado, leitos do Município e os leitos da iniciativa privada nesse momento de crise. É um novo normal que nós estamos vivendo; nós temos que ter a adequada compreensão nisso para resolver o que tem que ser resolvido nesse momento. Muito obrigado!

[01:34:48]

[Túlio Franco]

Na sequência nós vamos chamar aqui o Arthur Lobo, Nenhum Serviço de Saúde a Menos. Com você, Arthur!

[01:35:01]

[Arthur Lobo]

Boa tarde a todos e todas, e a todes. Queria saudar todas as entidades, movimentos, organizações, todas as instituições que estão fazendo parte desse movimento que eu acho que é um dos movimentos mais importantes de todo esse período democrático agora que a gente está vivendo, tá vendo ser destruído. Meu nome é Arthur Lobo, sou psicólogo e sanitariano, e faço parte do Nenhum Serviço de Saúde a Menos, que é o movimento que dentro do Município do Rio de Janeiro vem enfrentando a destruição do SUS, seja por ações ou omissões e incompetências pela prefeitura nos últimos quatro anos, se aproveitando da privatização que tinha acontecido antes, privatizando o sistema de saúde e deixando-o nas mãos de OS, fundações e ONGS.

A gente vem lutando contra esse desmonte nos últimos quatro anos com muita dificuldade, já tivemos 5.000 demitidos, foram retirados dois milhões da saúde do Rio de Janeiro. É nesse contexto que a gente foi impactado pela Covid-19, e assustadoramente a prefeitura continua deixando os profissionais sem salários, continua não dando EPIS para os profissionais, continua o mesmo processo de destruição que estava antes, no momento

em que qualquer pessoa racional estaria preocupada em organizar as coisas. O Governo Crivella segue a mesma cartilha do Governo Bolsonaro de deixar o caos imperar. São verdadeiros vândalos da saúde.

Dentro disso, nesse momento, o movimento Nenhum Serviço de Saúde a Menos começou a fazer uma campanha com algumas palavras de ordem: quarentena geral para não adoecer, renda mínima para sobreviver e leitos para todos para não morrer, fora Bolsonaro também está entre os nossos lemas que nesse momento todo dia e diariamente aqui no Rio de Janeiro, a gente tem ouvido as panelas baterem gritando isso. Porque nós defendemos, nós entendemos que as vidas estão acima dos lucros.

O maior beneficiado dessa destruição do sistema de saúde aqui no Rio de Janeiro foi o setor privado. A gente está assistindo a uma autêntica luta de classes de um setor privado que se beneficia de ter um sistema de saúde destruído e que nesse momento toma a mesma atitude que foi tomada no treze de maio de 1891, três anos depois da abolição, da suposta abolição da escravidão aqui no Brasil. Eles querem queimar todos os documentos, eles querem impedir qualquer tentativa de pagar no momento de grave emergência sanitária nacional, mas particularmente aqui no Rio de Janeiro que já tem todos os seus leitos, eles querem se furtar a participar deste esforço coletivo e ainda querem ganhar em cima fazendo acordos para que estes leitos sejam disponibilizados mediante algum acordo de cunho financeiro.

Nós defendemos, na verdade, implicitamente nessa luta que a gente faz contra a destruição do sistema, um sistema que seja planejado e que seja organizado de uma forma a garantir a saúde para todos de fato e não simplesmente dos leitos. Eu acho que com isso eu encerro essa fala, quarentena geral, renda mínima, leitos para todos, fora Bolsonaro, vidas acima dos lucros e vamos que vamos! É isso aí, tamo junto.

[01:39:11]

[Túlio Franco]

Bom, obrigada Arthur! Agora na sequência, Lúcia Souto do Centro Brasileiro de Estudos da Saúde CEBES, por favor Lúcia

[01:39:20]

[Lúcia Souto]

Boa tarde a todas e todos. Primeiramente, acho super importante esta iniciativa de todos nós para assegurar um leito para todos. Esta campanha ganhou o coração e a mente de um amplo campo da sociedade brasileira. Segundo, gostaria de ressaltar que represento o CEBES, uma entidade histórica da luta da Reforma Sanitária brasileira, com mais de 40 anos de existência. Há um registro importante a ser feito: nós, hoje, com essa campanha que abraçamos todos, estamos honrando de maneira fundamental a tradição de gerações de brasileiras e brasileiros que lutaram para proclamar na Constituição Brasileira que a saúde é um direito de todos e dever do Estado.

Segundo, é fazer nessa agenda que estamos enfrentando neste momento, navegando contra um governo genocida. Bolsonaro é um criminoso que terá que ser julgado em todos os tribunais por crimes contra a humanidade e genocídio contra a população

brasileira. Lutar contra um adversário dessa magnitude, que em vez de estar conclamando a unidade do povo brasileiro, a unidade de todas as esferas de governo, de todos para enfrentar uma situação sem precedentes na história da humanidade, é uma tarefa árdua. Estamos diante de uma crise sanitária, econômica e social contundente no Brasil. Hoje, estamos novamente no mapa da fome, não conseguimos distribuir essa renda básica porque o governo criou um aplicativo que não funciona para muitas pessoas, enquanto consegue pagar militares que não estão nessa circunstância, uma situação de deboche e ultraje à sociedade brasileira.

Na verdade, acredito que, neste momento, esta campanha é uma síntese da recuperação da saúde como um bem público, um direito de cidadania. Estamos nos preparando com essa campanha e outras tantas na sociedade brasileira para tirar este genocida do governo. Não há como enfrentar essa situação com esse genocida no poder e ao mesmo tempo assegurar a todas as brasileiras e brasileiros a dignidade do atendimento em todas as unidades de tratamento intensivo.

É importante destacar que, além dos leitos privados que precisamos colocar na regulação de uma fila única, há estados brasileiros, como o Rio de Janeiro, com vários leitos públicos fechados, como o Hospital do Andaraí, o Hospital de Bonsucesso, o Hospital Cardoso Fontes, o Hospital de Ipanema e o Hospital da Lagoa. A irresponsabilidade criminosa é de tal monta que nem sequer os próprios leitos públicos estão sendo oferecidos à população em alguns estados, como é o caso do Rio de Janeiro.

Portanto, saúdo a todos nós que estamos nesse movimento, pautando o país. Não vamos deixar que o genocida nos pautar; estamos pautando o país e vamos exigir, como em outros momentos, que a saúde seja um direito universal de cidadania e um dever do Estado, assegurando que esse direito seja realmente praticado pelos poderes públicos e não negligenciado, como temos visto agora. São milhares de pessoas na fila de leitos de UTI, estamos diante de uma catástrofe sanitária não inédita, e não podemos ser omissos. Com essa campanha, que ganha tantas adesões neste momento, estamos dando um ponto. Este dia é um marco para muito mais movimentos que teremos que fazer para que nossa luta seja vitoriosa. Muito importante a iniciativa daqueles que tiveram as três entidades, Vidas para Todos, Leitos para Todos e o grupo de Pernambuco, pautaram todos nós. Hoje, somos co-responsáveis por levar essa luta adiante. Parabéns, Túlio! Parabéns à Rede Unida e a todos que estão contribuindo para que sejamos vitoriosos nessa luta importantíssima por leito para todos, renda básica para todos. Concordo com o companheiro do Nenhuma Vida Menos e isolamento social radical. Temos que proteger a vida de nossa população, independentemente do projeto do genocida que, neste momento, ocupa a Presidência da República.

[01:44:30]

[Túlio Franco]

Muito obrigado, Lúcia. Vamos chamar o Rodrigo Siqueira da Federação Nacional dos Estudantes de Direito. Rodrigo!

[01:44:39]

[Rodrigo Siqueira]

Olá, boa tarde a todos! Queria cumprimentar aqui em nome dos estudantes de direito que estou representando enquanto presidente da Federação Nacional dos Estudantes de Direito e complementar as diversas entidades, o movimento Leito para Todos, Vidas Iguais, e dizer que nós, enquanto estudantes de direito, consideramos muito oportuna essa data do lançamento desse manifesto.

Há 132 anos, era publicada a Lei 3353 de treze de maio de 88 que pretensiosamente evocava a igualdade entre os brasileiros. Hoje, a partir da observação histórica, a gente vê que foi uma igualdade meramente formal, uma pretensa universalização de direitos. Cem anos após a abolição da escravatura, é publicada a Constituição de 88, que constitui o cidadão, que novamente prescreve uma série de direitos universais que não faz distinção entre os brasileiros.

No entanto, esta pandemia sem precedentes expõe a gravidade das desigualdades brasileiras e talvez a nossa falha em garantir essa materialidade, essa igualdade material entre brasileiros. É importante lembrar que a maior parte dos usuários do sistema público de saúde vem da população negra; os mais afetados por esta crise têm sido a população negra, que em sua maioria sofre com a questão do mundo do trabalho, da desigualdade de renda, está se expondo mais à doença, encontra no governo omissão em garantia do isolamento social e, por isso, tem que enfrentar o dia a dia fora de casa contraindo a doença, encontra um número menor, menos da metade dos leitos disponíveis no país para se socorrer e vem sofrendo muito. Demonstrando que falhamos em garantir essa igualdade material.

No entanto, essa campanha vem talvez no sentido de finalmente efetivarmos a universalização de direitos, a igualdade material entre brasileiros, garantindo que a propriedade não prevaleça sobre a vida, o que, para a maioria dos estudantes de direito, não é um conflito razoável; a vida, logicamente, prepondera enquanto direito fundamental sobre a propriedade e, por isso, entendemos como muito importante essa campanha e queremos parabenizar a todas as entidades que estão dela participando, que vêm no sentido de 132 anos depois, realmente caminhar no sentido muito importante, no momento excepcional, na igualdade de direitos entre brasileiros e brasileiras e que, do ponto de vista jurídico, para nós, não parece razoável invocar a propriedade privada porque parece muito simples a justificação e eu não vou me alongar nisso porque sou um estudante, mas da possibilidade de intervenção da propriedade privada por um órgão estatal competente no caso excepcional para garantir direito fundamental.

Então, todas as vidas valem, as vidas negras importam, que estão sofrendo sobre a maneira nesse momento, e precisamos nos reatar com essa dívida histórica e da importância da data de lançamento dessa campanha, de tratar de forma igual todas as vidas dos brasileiros. Muito obrigado! Fiquem em casa.

[01:47:59]

[Túlio Franco]

Muito obrigado, Rodrigo. Em defesa da vida, em sua pluralidade, lutando por equidade. Vamos citar algumas iniciativas de projetos de leis estaduais: Isa Penna do PSOL de São Paulo, que agradecemos também por contribuir diretamente com a campanha, através de

uma estrutura de site; o Renato Roseno do PSOL do Ceará; Flávio Serafini do PSOL do Rio de Janeiro; Emichetti Duden de São Paulo; Pepe Vargas do PT do Rio Grande do Sul; André de Jesus do PSOL de Minas Gerais, que virou lei de número 23631 sancionada por Romeu Zema do Novo de Minas Gerais.

Estamos todos no mesmo mar, mas em barcos diferentes. As desigualdades raciais e sociais se escancaram com a Covid-19. Entidades que estão na campanha assinaram o manifesto: Centro Acadêmico de Enfermagem da Escola Superior de Ciências, o CEBES que já inclusive se pronunciou aqui, Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social, Centro de Defesa dos Direitos Humanos da Serra, Centro de Defesa dos Direitos Humanos Nenzinha Machado, Centro de Defesa dos Direitos Humanos Pedro Reis, Centro dos Direitos Humanos Joinville, Centro de Prevenção às Dependências, Centro de Promoção da Saúde, Coletivo Adelaide, Coletivo Afrodivas, Mulheres Negras Decidem, Nenhum Serviço de Saúde a Menos, Projeto Ruas, Rede Brasileira de Cooperação em Emergências, Rede Nacional de Médicos e Médicas Populares, Rede Solidária em Defesa da Vida de Pernambuco, Sindicato Nacional dos Servidores do Ministério Público da União seção São Paulo, Sindicato dos Advogados do Estado de São Paulo, Sindicato dos Agentes Comunitários de Saúde do Município do Rio de Janeiro, Sindicato dos Assistentes Sociais do Distrito Federal, Sindicato dos Assistentes Sociais do Estado do Rio de Janeiro na luta por direitos para todos, entidades da campanha: Conselho Nacional de Saúde, Coletivo Feminista Rosa Lilás, Coletivo Gaúcho de Residentes em Saúde, Comissão de Direitos Humanos e Cidadania, OAB Niterói, Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo, Confederação Nacional de Associações de Moradores, Conselho Federal de Psicologia, Conselho Regional de Psicologia do Ceará, Distrito Federal, Pará, Amapá, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Sergipe, Conselho Regional de Assistentes Sociais Rio de Janeiro e Espírito Santo, Sindicato dos Bibliotecários do Estado do Rio de Janeiro, Sindicato dos Farmacêuticos do Estado do Rio de Janeiro, Sindicato dos Farmacêuticos do Rio Grande do Sul, Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Sindicato dos Nutricionistas do Estado do Rio de Janeiro, Sindicato dos Petroleiros do Pará, Amazonas, Maranhão e o Sindicato dos Psicólogos do Estado do Rio de Janeiro, Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Oswaldo Cruz, Sindicato dos Trabalhadores em Saúde, Trabalho e Previdência Social do Estado do Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira para a Qualidade do Cuidado e Segurança do Paciente, Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Agora nós convidamos Leonardo Mattos para... antes disso, Leo, nós temos aqui o pronunciamento do Presidente Nacional da CUT que nós vamos transmitir e em seguida o Leonardo vai ler o Manifesto para nós.

[01:51:40]

[Sérgio Nobre (Presidente)]

Companheiros e companheiras, quero manifestar meu total apoio, e da Central Única dos Trabalhadores, à campanha da ABRASCO, Associação Brasileira de Saúde Coletiva, pela fila única no sistema público de saúde e também no sistema privado. O ideal seria que, na pandemia, não faltassem leitos a ninguém que precise, mas nós temos denunciado aqui que tanto no Governo de Michel Temer quanto no Governo de Bolsonaro, os serviços

públicos têm sido desmontados e, em especial, o Sistema Único de Saúde. Hoje, em muitos hospitais, tanto públicos quanto privados, há a ameaça de colapso total. Nessa condição, a fila única é socialmente mais justa. Então, é como no transplante, em que há uma fila e as pessoas devem obedecer, é essa mesma lógica. A CUT, junto com diversas organizações que também lutam em defesa da saúde pública e da população, está lançando a Campanha Vidas Iguais e Leito para Todos. Participem da campanha e não se esqueçam, nesse momento de pandemia, fiquem em casa, protejam suas vidas e de suas famílias. Um grande abraço a toda essa campanha.

[01:53:03]

[Túlio Franco]

Vamos convidar agora o Leonardo Mattos para fazer a leitura do Manifesto, Leo, com você.

[01:53:14]

[Leonardo Mattos]

Oi, boa tarde, gente! Queria aqui agradecer a presença de todos. São apoios que nos honram e nos dão muita energia para continuar firme nessa luta. Queria deixar aberto aí também para que todos assinem o Manifesto que está no site www.vidaisiguais.com.br e que façam parte da campanha. Qualquer entidade que queira se somar e participar de forma mais ativa, procure a gente, que nós temos espaço para quem mais quiser se somar.

Para encerrar agora, queria agradecer muito a presença de todos e para encerrar esse momento, anunciar também que esse Manifesto está sendo protocolado no Conselho Nacional de Justiça, no Conselho Nacional de Secretários de Saúde, Secretaria Estadual de Saúde e no Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde, além do Ministério da Saúde. Hoje, junto com esse lançamento, nós estamos protocolando com apoio fundamental e com a iniciativa do CNS esse Manifesto. Então, vamos lá para poder encerrar esse Ato maravilhoso que tivemos hoje e que esse seja apenas o primeiro momento de uma grande luta que vem pela frente por um sistema único de fato, um sistema universal de fato para todos os brasileiros. Que esse momento sirva para renovar nossas energias para conseguir não só as pautas que nós defendemos neste momento, de leitos para todos, unificação de todos os leitos, fila única, requisição dos leitos privados, mas que isso marque também um novo momento de luta da sociedade civil em defesa do direito universal à saúde.

Vamos lá, o Manifesto.

Manifesto: A Covid-19 já está levando o sistema brasileiro ao colapso, isto é, ao ponto a partir do qual não é possível atender a demanda de casos graves de Covid-19. Esse cenário se torna cada vez uma realidade à medida que a curva de evolução da pandemia segue em crescimento. Persistem as dificuldades de implantação das medidas de isolamento em áreas urbanas e periféricas com condições precárias de moradia, saneamento, renda e trabalho. A mais alta autoridade do país desdenha dos impactos do vírus e da necessidade de medidas de contenção.

O Sistema Único de Saúde público, gratuito e universal é o principal instrumento para enfrentar essa situação. Diversos Estados têm mobilizado esforços crescentes para ampliar a oferta de leitos por meio da adaptação de espaços assistenciais públicos existentes e da criação de hospitais de campanha. Medidas importantes, mas insuficientes frente aos enormes desafios que se apresentam a curto prazo.

As Secretarias Estaduais e Municipais não serão capazes de responder sozinhas a essa situação. Estudos sobre a demanda por cuidados intensivos indicam que, em 53 por cento das regiões de saúde, seria necessário dobrar a capacidade instalada de leitos de UTI. E que para isso, seria necessário 18,6 milhões de reais. Outras projeções estimam que, a depender do cenário, o déficit pode chegar a 24.500 de UTI, e o esgotamento destes pode se dar no mês de Maio.

Quando se consideram as disparidades regionais, a situação pode ser ainda pior. Para além da insuficiência de leitos, corremos o risco de que os atendimentos aos pacientes portadores de Coronavírus reproduzam uma incômoda marca estrutural do sistema de saúde brasileiro, a desigualdade.

Em 2019, o Brasil contava com cerca de 15,6 leitos de UTI para cada 100 mil habitantes. Todavia, para cada leito per capita disponível para o SUS, existem aproximadamente 4 disponíveis para os planos de saúde. O sistema público utiliza cerca de 45 por cento do total de leitos de UTI, enquanto mais da metade se destina a 25 por cento da população que é cliente de planos de saúde.

A ciência tem mostrado que a organização fragmentada na rede hospitalar, decorrente da segmentação do acesso, pode limitar concretamente a capacidade de atendimento aos casos graves de Covid-19, especialmente as populações mais vulneráveis.

Para enfrentar essa dramática e urgente situação, o poder público precisa tomar atitudes muito mais enfáticas para garantir atenção a todos os casos, independente da capacidade de pagamento. Faz-se necessário que o SUS assuma imediatamente a coordenação integrada da capacidade hospitalar pública e privada para que se organize uma resposta mais abrangente e efetiva.

Países como Espanha, Irlanda e Itália já adotaram medidas nessa direção. O momento exige que o setor privado, incluindo os planos de saúde e hospitais privados, colaborem de forma muito mais decisiva do que vem fazendo, dada a quantidade de recursos assistenciais que mobilizam, como leitos, profissionais, respiradores, equipamentos, máscaras e entre tantos outros.

Exige também que Governos Estaduais, Ministério da Saúde e Governo Federal assumam suas responsabilidades nessa questão. Evitar ou postergar essa decisão terá impacto direto em vidas perdidas.

É preciso valer o que está previsto em preceitos fundamentais da Constituição Federal, a universalidade de direito social à saúde, o direito fundamental à vida, o direito fundamental à igualdade, o fundamento da república federativa do Brasil de dignidade da pessoa humana e, por fim, o objetivo fundamental de construir uma sociedade justa e solidária.

A Constituição também prevê que, em caso de perigo público iminente, a propriedade por particular pode ser usada por autoridade competente mediante indenização posterior ao

proprietário em caso de dano, o mesmo é afirmado pela lei 13979 de 2020 que estabelece o estado de calamidade pública e na lei orgânica da saúde, a lei 8080 de 1990.

Diante da necessidade, estabelecemos mecanismos práticos que viabilizem o acesso universal e igualitário a serviços de saúde como prevê a Constituição de 1988 e da necessidade urgente de construção de uma resposta eficaz e solidária à pandemia, que salve a maior quantidade de vidas possível, propomos em primeiro lugar, a requisição administrativa pelo poder público de forma emergencial e mediante indenização de toda a capacidade hospitalar privada existente no país para o tratamento universal e igualitário dos casos graves da Covid-19 através do SUS. Isso deve acontecer de forma articulada ao setor privado, que por sua vez deve cooperar com recursos técnicos e assistenciais para o enfrentamento coletivo da pandemia.

O controle e coordenação da utilização de todos os leitos públicos e privados pelo SUS, mediante a instauração de um sistema de regulação unificado de leitos gerenciado pela Secretaria Estadual de Saúde, o acesso deve ter por base critérios clínicos e epidemiológicos, sem discriminação pela capacidade de pagamento individual.

Que o Governo federal e, em articulação e cooperação com os Estados e Municípios, apresente imediatamente projeções e demandas de leitos e dados sobre taxa de internação, de leitos de internação em UTI e respiradores para todas as unidades da federação e regiões de saúde.

Que sejam disponibilizados imediatamente os recursos financeiros e assistenciais necessários para a construção de capacidade hospitalar que todos precisam, considerando critérios epidemiológicos e disparidades regionais. Isso pode ser feito tanto utilizando a capacidade privada como adaptando serviço já existentes para que se tornem leitos de internação UTI e também construindo hospitais de campanha quando necessário.

Monitoramento, gestão e distribuição unificada dos estoques de equipamentos de proteção individual que garantam isolamento respiratório e segurança para todos os profissionais de saúde na rede pública e privada, o mesmo vale para os teste da Covid-19 e precisam ser disponibilizados e distribuídos em escala muito superior ao que vem acontecendo.

Por último, estímulo às empresas com capacidade de produção de respiradores artificiais, monitores, leitos especiais de UTI e demais dispositivos necessários a ampliação do parque hospitalar, bem como a articulação imediata com empresas industriais que possam ampliar essa produção em nível nacional, importação imediata de quantos respiradores artificiais se dispuser e o mesmo vale para EPIs e teste diagnóstico de Covid-19.

É isso, pessoal. Então, foi isso. Eu vou encerrando o Ato, passo a palavra ao Túlio. Muito obrigado pela presença de todos. Agradecimento especial para a Campanha Vidas Iguais e Rede Solidária em defesa da vida em Pernambuco, parceiras da Campanha Leitos para Todos nesse momento e que se somam nessa pauta. E seguimos fortes para conquistar, não só para reivindicar e para denunciar, mas também para conquistar. É isso.

[02:01:07]

[Túlio Franco]

Muito obrigado, Leonardo! Declaramos assim lançado o Manifesto Leito para Todos pelo acesso universal e igualitário aos serviços hospitalares através do SUS. Convidamos todas as pessoas a entrarem no site, pegar o material da Campanha Leito para Todos e conclamamos, nesse momento, inclusive, que nós, todos os cenários levam à piora da pandemia no Brasil, conclamamos a fortalecer conosco essa luta. Muito obrigado e que tenham um bom resto de semana todas as pessoas e entidades. Nós agradecemos muito e damos um grande abraço. Valeu, pessoal! Muito obrigado! Encerramos aqui o nosso Ato.

[02:01:52]

[Tiago Feitosa]

Boa tarde a todos! Muito bom! Obrigado! Todos juntos: Fica com Deus! Obrigado! Tchau!